



Prática de Cura: Rituais de Benzedura e medicamentos em Vila Boa de Goiás – Cidade de Goiás

Adelbiane Conceição Campos* (PG) ahdelbiane@gmail.com

Campus Cora Coralina, Avenida Dr. Av. Deusdete Ferreira de Moura - Centro, Goiás - GO, 76600-000

Resumo:

O presente resumo expandido, trata-se de um diálogo relacionado ao trabalho de pesquisa que resultou no relatório técnico do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio – PROMEP/UEG, titulado O Segredo das Ervas nos Saberes e Fazeres das Benzedadeiras e Benzedores da Cidade de Goiás. O relatório técnico apresenta a pesquisa sobre o uso das ervas nos saberes tradicionais na cidade de Goiás, que tem por objetivo, mapear os detentores do ofício de benzedura e raizeiras/os que possuem a prática de curar os males físicos e espirituais utilizando-se do conhecimento ancestral das ervas medicinais. Assim sendo, o breve diálogo aqui proposto trata-se das práticas de cura realizadas na Antiga Vila Boa de Goiás, levando em consideração que no passado a presença de africanos e seus descendentes era fortemente marcada devido à quantidade de ouro que era explorado no período de mineração durante os séculos XVIII e XIX. A historiografia goiana, aponta indícios a partir dos relatos de viajantes e documentos crioulos, sobre a presença de rituais de cura pelas técnicas de benzimentos e ervas medicinais.

Palavras-chave: Ervas Medicinais. Detentores do Saber. Saber Africano.

Introdução

De acordo com a historiografia brasileira que discute o tema, estes saberes estavam presentes na cultura indígena antes da chegada dos portugueses no Brasil, no entanto com a inclusão dos colonizadores estes saberes foram somados aos do homem africano que foram trazidos junto com os portugueses na condição de escravos (FONSECA, 2005; EDLER, 2010).

Segundo a FUNARBE (2018), as benzedadeiras e benzedores são pessoas de uma comunidade que realizam rituais de cura a partir de rezas e súplicas utilizando elementos simbólicos como; ramos verdes, sal grosso, gestos em cruz feitos com a mão direita, agulhas, linhas e pano com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam ajudam.





De acordo com Campos (2013) e Magalhães (2004), durante o século XVIII e XIX o uso do curandeirismo por ervas e raízes bem como benzeduras eram muito utilizado na capitania de Goiás, em sua maioria por homens escravizados que eram enfermeiros ou curandeiros, ou aqueles que detinham o conhecimento de manipular ervas e raízes no processo de cura com medicamentos ou benzeduras.

São saberes que possuem relevância para a construção histórica e formação da identidade de diferentes grupos sociais. Na cidade de Goiás, há indícios que este saber está presente desde o período aurífero, quando foi enviada uma carta ao governador da capitania pedindo permissão para que escravos enfermeiros fossem autorizados a exercer o ofício de curandeiros (CAMPOS, 2013 p. 26).

Para o levantamento de informações sobre estes saberes e práticas do uso de ervas e rituais de benzedura em Vila Boa de Goiás, foi necessário analisar alguns diálogos historiográficos que discutem este tema (MAGALHÃES, 2004; FONSECA, 2005; EDLER, 2010; RODRIGUES, 2010; VIOTTI, 2012; AGE, 2012; PERREIRA & CUNHA, 2015; MIRANDA, 2017), sobre o uso das ervas e raízes como medicamentos e benzeduras. Tais pesquisas nortearam a compreensão de como este saber foi difundido no Brasil e em especial na cidade de Goiás.

Resultados e Discussão

Ao analisar as documentações do século XVIII e XIX e a historiografia goiana que retrata o uso de medicamentos a partir das ervas e raízes, bem como as práticas do curandeirismo em Vila Boa de Goiás, é possível observar diversos fatores relacionados à saúde física e espiritual da população vilaboense neste período.

Citados por Magalhães (2004), Câmara Cascudo denomina os saberes e conhecimentos da medicina através de manipulação de ervas e raízes como sendo de medicina popular. Já para Alceu Maynard estas práticas de curas são chamadas de medicina rústica, numa região, onde praticamente se desconhecia a figura do médico, comuns eram as atividades da parteira prática, do raizeiro, do benzedor e, também, rituais de caráter mágico-religiosos (p. 197).





De acordo com o relatório do viajante Pohl¹ a assistência médica nas capitanias de Goiás e na antiga capital Vila Boa de Goiás no século XVIII, eram precárias tanto em medicamentos como em casas de saúde. Fato como este foi observado por Campos (2013) em análise documental da época, ela sugere que as práticas de curar doenças em Vila Boa de Goiás no século XVIII, partiam dos africanos escravizados, “manipulavam ervas na fabricação de remédios para curar as doenças, já que quase não haviam médicos na capitania e os preços dos remédios eram abusivos (p.26).”

[...] Pertenseu esta Capitania a hum Xarlatão, que ainda no paiz da ignorância não podia fazer figura, por que Suposto em toda a capitania não haja hum Só Médico, achão-senella muitos Cyrurgiões que tendonose exercitado no Hospital Real da corte, [...] os mesmos que se considerão mais hábeis tem muito pouco em que Se empreguem, porque Sendo mayor parte dos habitantes e Mineiros, ou Rosseiros, muito poucos aSistem nos Arrayaes, e quazi todos aonde applicão os trabalhos dos Seus Escravos; As utilidades destes não correspondem ádespeza de lhes chamarna doensa hum Professor, nem servisse para o Comum dos excessivos preços das Boticas; Seus donos mandão vir por junto dos portosMaritimos Remediosordinarios, eles lhes ministrão, ou o mandão fazer por algum Escravo a quem Sentem algumgeito de Infermeiro [...]²

Como apresentado no documento acima as condições de saúde da população em Vila Boa durante o século XVIII, se encontrava em condições precárias e assim buscaram a partir das cartas régias enviado à coroa a solicitação para o uso do conhecimento das plantas e raízes para manutenção da saúde. Os africanos de Vila Boa de Goiás detinham o conhecimento de raízes e plantas para curar doenças físicas e espirituais.

Magalhães (2004) observou que a falta de assistência médica nas capitanias levaram os goianos utilizarem de plantas e raízes medicinais, levando-os ao cultivo de diferentes ervas, para o tratamento dos males do corpo e da alma. “Aproveitavam, também, outros produtos de natureza vegetal (cascas, folhas, frutos, sementes, óleos e resinas) e animal (couro, gordura, excrementos) provenientes da mata... (HOLANDA, 1994. Apud MAGALHÃES, 2004. p. 192).”

Em Villa Boa de Goiás, a procura por mulheres que curam a partir do conhecimentos práticos permanece durante todo o período colonial brasileiro. No caso, os cuidados com a saúde dos bebês e das mulheres na realização de partos,

¹ POHL, J. E. Viagem no interior do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, vol. 1,1951, p. 298.

² Documento no 2811, rolo 63, p. 453, cx. 49, Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco. Transcrição da arquivista Milena Bastos Tavares. Cidade de Goiás, MDB, 2010.





era comum a presença das parteiras, benzedoras e curandeiras e ainda as mulheres mais velhas, a partir de suas experiências, cuidavam dos males de outras mulheres, principalmente as doenças uterinas, com receitas à base de ervas e de flores (AGE, Mônica de Paula, 2011. p 03).

Para Magalhães (2004) além dos raizeiros, havia os curandeiros e feiticeiros que utilizavam de magias e medicamentos à base de ervas, cinzas e excrementos. Os benzedores não indicavam medicamentos, a cura era realizada através de rezas “curavam hemorragias, outros hidropisias, asma, úlceras e inúmeras outras enfermidades (p.198).”

Karasch (1999) aponta que nos séculos XVIII e XIX a influência econômica da mineração na capitania facilitou bastante o aumento de doenças graves, momento este em que o número da população na capitania foi crescendo gradualmente. No processo do contato entre índio, africano e o homem europeu a busca por cura de doenças até mesmo desconhecida era cada vez mais intensa.

Em meados do século XVIII, houve uma tentativa de oficializar a cura de doenças dos militares da coroa, criando o Hospital Real Militar com o objetivo de ocupar o lugar como medicina importante e com melhor eficácia em detrimento àqueles conhecimentos que maior parte da população exercia e que foram herdados oralmente de seus antepassados.

Entretanto, muito deste esforço não obteve muito êxito, pois ainda que não legalizada e autorizada pela coroa, os cuidados com a saúde ainda partiam das pessoas comuns, como os; curandeiros, parteiras, benzedores e raizeiros, como afirma Age (2011) “um número significativo de militares, quando doentes, rejeitavam o tratamento oferecido no hospital para cura de seus males. Quando podiam, permaneciam em casa para receberem tratamentos da medicina popular (p.02).”

Essa preferência para que os doentes e a parturiente permanecessem no ambiente doméstico e todo o repertório das práticas curativas oriundo do conhecimento popular, incomodava os olhares médicos. Desse modo, algumas questões se tornaram cruciais para os médicos das diferentes capitanias do Brasil. Trocar conhecimentos, colher informações, experimentar e observar as práticas curativas populares. Isso porque, “aos doutos, cabia tentar impor sua ciência. Esse





foi um dos motivos que fez com que as práticas médicas desenvolvidas estivessem associadas aos saberes popular (AGE, 2011 p. 03).”

Vale, assim, ressaltar que por mais que fossem negados e inferiorizados, os saberes e aprendizados da medicina popular, que eram praticados pelos grupos que possuíam a técnica da cura por meio de rezas, plantas e raízes, o saber popular, na medicina em Vila Boa esteve entrelaçada a esses conhecimentos aqui mencionados. Nota-se que as práticas de cura, os tratamento de doenças a partir das ervas e raízes exercida pela população, estão relacionadas aos saberes popular e nos conhecimentos ancestrais passados de geração para geração.

Referências

AGE, Mônica de Paula. **As Artes de Curar: Saberes e Poderes**. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI ISBN: 978-85-98711-10-2, 2012.

CAMPOS, Adelbiane Conceição. **Caminhos de Aruanda: A Trajetória do Candomblé e Umbanda na Cidade de Goiás**. Universidade Estadual de Goiás – UEG Trabalho Monográfico, 2013.

EDLER, Flávio & FONSECA, Raquel Froés da. **Saber Erudito e Saber Popular na Medicina Colonial**. Cadernos ABEM . Volume 2 . Novembro 2005.

FONSECA, Maria Cecília Londres et al. **Celebrações e Saberes da Cultura Popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectiva**. Série Encontros e Estudos. Vol. 5. Rio de Janeiro: CNFCP/Funarte/ Iphan, 2004.

FUNARBE, **Primeiro Encontro de Benzedeadas de Betim**. Disponível em: <http://www.funarbe.betim.mg.gov.br/Noticias/Index/49> acesso em 20/02/2021 as 22:03h.

KARASCH, Mary C. **Minha Nação: Identidades Escravas no Fim do Brasil Colonial**. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. (org.) Brasil: colonização e escravidão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. **Alimentação, Saúde e Doenças em Goiás no Século XIX**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista, 2014. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br> Acesso em 05/11/2020 as 13:08h.

